

## Cinco

Posfácio à *Histórias clínicas (cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica)*, Obras incompletas de Sigmund Freud, Belo Horizonte, Autêntica, 2022.

### [Capa e índice](#)

**Marcus André Vieira**

#### I.

Este livro reúne uma galeria restrita de personagens. Dora, Hans, o Homem dos Ratos, Schreber e o Homem dos Lobos são os protagonistas das cinco histórias clínicas que expõem, em seu desenrolar, o delicado trabalho de Freud. São histórias, mas, também, casos, pois, além de descreverem uma trajetória, contam um “causo”: o do encontro de cada um deles com o modo de intervenção do psicanalista.

Não são, porém, casos no sentido da clínica médica. O próprio Freud, sabendo não ser a pena e a tinta do médico que redigiam suas histórias clínicas, ressentia-se de que elas tivessem inevitavelmente um “aspecto literário”. Soube, porém, aceitar o que seu caminho impunha e o modo de expressão que sua clínica exigia. Nada acontece em uma análise se não mergulhamos com cada um em sua história, o que inclui a maneira como ela é contada. É parte indissociável do processo e é exatamente por isso que, ao caminharmos, estaremos recompondo o que terá sido. Quando dela nos retiramos, a história de uma vida estará refeita e, com ela, surgem caminhos alternativos.

Considerados a partir da clínica médica da época, a do encontro de um olhar necessariamente externo com um objeto necessariamente sob controle, estes casos seriam “contos de fadas científicos”. Foi assim que Kraft Ebing, autoridade médica de então, se referiu aos dezoito fragmentos clínicos apresentados por Freud à sociedade psiquiátrica de Viena. O tempo soube mostrar como essa contaminação pelo subjetivo, tida como indevida por considerar o elemento temperamental e imprevisto do humano, nos leva para longe da ciência experimental, mas, por isso mesmo, nos protege do maquinismo de sermos pautados exclusivamente pelos afetos das cobaias. Sem contar a rigidez dos questionários e escalas que dirigem a redação científica da psicologia e boa parte das decisões éticas de hoje.

Na edição que o leitor tem em mãos, apreendemos com clareza como ele se situava para acompanhar o encontro de cada um destes seus pacientes com o inconsciente. A prática freudiana envolve um sem-número de fenômenos, eventos que se desenrolam à medida em que mergulhamos em uma história: surpresas, dores e alegrias, o incômodo com repetições tediosas e, sobretudo, a estranheza de algumas lembranças (com as quais contamos para reconfigurar um destino). É precária a estabilidade entre esses diversos habitantes da cidade subjetiva de cada um, pois nunca está definido, de uma vez por todas, o que nela se conta e nela se esquece. Por isso, é preciso estarmos munidos de alguns conceitos-ferramenta que nos permitam flunar nessa cidade sem sucumbirmos à pura errância. A teoria das pulsões, por exemplo, nos permite aconpnhahr os transitô sem tomarmos o movimento dos carros por um imupuls inato, divino.

Dada essa precária instabilidade estrutural da clínica psicanalítica, foi necessário ainda delimitar as fronteiras, os pontos-limite do campo dessa prática. É o que realizam estes cinco casos. Passo a passo, no curto espaço de dez anos, Freud constitui os marcos que vieram balizar a clínica nascente. Esses marcos, revisitados incessantemente ao longo de toda a vida de Freud, são a fundação do espaço em que se desdobra o tratamento analítico, tendo sido decisivos na formação de várias gerações de analistas.

Reivindicar para esta coleção o termo *incompleto* está em sintonia com a precariedade estrutural da clínica freudiana, de fronteiras sempre ainda por definir. No mesmo sentido, reunir as cinco grandes análises de Freud num só volume busca conferir a justa importância ao trabalho de balizamento freudiano para a delimitação do campo de ação do psicanalista. São decisões que contrastam com a tradição das traduções freudianas de língua portuguesa, de situar estas cinco grandes análises em meio a outros textos, espalhadas. Esta foi, por exemplo, a tônica nos países de língua inglesa no que diz respeito ao encontro de Freud com seus leitores, em que, infelizmente, a cronologia e a totalização de uma edição standard imperaram.

## II.

A multiplicidade precária do material inconsciente, no avesso da necessária padronização social que cabe à consciência, seguiu orientando o trabalho de boa parte dos psicanalistas após Freud. Ainda bem. Essa é uma das razões pelas quais a psicanálise se disseminou ignorando tantas fronteiras, mas também se fragmentou, avançando em uma babelização que lhe é própria ainda que às vezes nefasta. Neste contexto, a publicação do presente volume vem recolocar a questão, bem atual, da pertinência dos casos de Freud para o exercício da psicanálise: a que ponto os psicanalistas continuam recorrendo a essas histórias clínicas? Podem já dispensá-las como bússolas de sua prática?

Apesar de estarem referidos a alguém de carne e osso, estes casos foram sempre, essencialmente, textos. É o que a excepcionalidade de Schreber neste volume ratifica, um caso construído por Freud a partir da leitura do livro publicado pelo próprio paciente e não de encontros presenciais. Ora, um texto presta-se a inúmeras leituras e a dos psicanalistas talvez não seja a melhor. Melhor perguntar, então: a quem interessaria, hoje, estas histórias?

Uma primeira hipótese: ao priorizar seu caráter literário, a história clínica de cada um dos cinco poderia ser lida como uma pequena novela.

É uma maneira tentadora de lidar com os casos freudianos, tomando seus protagonistas como personagens. Além do próprio Freud reconhecer que os relatos poderiam ser lidos como romances “à la clef”, não faltaram filmes que tomaram esses pacientes como seres de ficção, incluindo os que atuavam como detratores da psicanálise. Os tratamentos seriam lidos, por exemplo, sob o ângulo de uma epopeia iniciática em que atravessaríamos, juntamente com o protagonista, uma edificante ascese rumo à elevação terapêutico-espiritual.

Neste sentido, poderiam, inclusive, ser tomados como clássicos da literatura universal, patrimônio da humanidade. Não parece boa ideia. Um clássico, no sentido primeiro do senso-comum, é o que se presta à classe, bom para a sala de aula. Os clássicos são os classificados, postos na gaveta ou no balcão de venda, compondo o acervo de citações de um homem culto. Se assim fosse, por que mais uma versão, *reloaded*?

Melhor o sentido que dá Ítalo Calvino a um clássico e que pode ser resumido pela definição cortante de Millôr Fernandes para quem um clássico é um texto que “não se contentou em chatear apenas seus contemporâneos”. Bom clássico é o que se mantém vivo em seus efeitos sobre leitores de várias gerações como texto-que-perturba.

Talvez, assim, tenhamos uma ideia mais aproximada do efeito causado pela leitura dessas histórias. Os tipos podem ser aparentemente razoáveis: uma moça de família, um oficial do exército, um menino simpático, até mesmo o presidente Schreber, um juiz ou, eventualmente, um paciente injustamente internado. Mas as experiências e fantasias que esses pacientes compartilham com Freud são especialmente bizarras dado o que será desenterrado da cidade de cada um.

### III.

As histórias clínicas freudianas deveriam ser incluídas no rol da literatura fantástica. Em vez de sessão da tarde modorrenta, estão mais para a série que nos força a maratonar por nos perturbar, não restando saída a não ser a entrada, em queda livre.

Talvez isso explique porque as biografias sejam hoje tão valorizadas. Buscamos não apenas uma história a mais para nos acomodarmos nos sofás dos domingos da vida. Em meio a tantas histórias mais ou menos edificantes nas redes em que passamos nossos dias, queremos compensar a extrema ficcionalização da realidade que essa explosão de narrativas promove com alguma veracidade decididos a acreditar que é tudo verdade, bastando, para isso, a nota “baseado em fatos reais”. É uma tentativa de dar corpo a alguém através de sua história, trazer seu contexto para lhe dar um lugar no real.

Em boa medida, os casos deste volume são biografias, compondo o retrato de um mundo especialmente interessante. É o tempo de uma Viena sede de um reino múltiplo de centralismo frágil. É a topologia de uma Viena encruzilhada, centro de um absolutismo patriarcal em ocaso, mas, também, centro geográfico e cultural de uma Europa multipolar, hoje inexistente, em que se entrelaçavam oriente e ocidente como jamais houve novamente. Fica clara a importância das notas de tradução que nos permitam a inserção possível no contexto de Freud, o que não significa que o texto deve ser dividido com um pesado aparelho crítico, do qual felizmente fomos, aqui, poupados.

Esta é uma segunda possibilidade de leitura: a de tomar as histórias clínicas freudianas como anais de uma micro-história subjetiva. No lugar dos personagens, a biografia. Em vez de Dora, Ida, em lugar do homem dos Lobos, Serguei Pankejeff.

Neste sentido, Serguei é exemplar. Não morreu cedo como Ernst, o Homem dos Ratos, não se tornou dona de casa angustiada e anônima como Ida-Dora, nem esqueceu seu tratamento como Herbert Graff, o pequeno Hans. Colocou-se à disposição da psicanálise e de seus historiadores, deu entrevistas, redigiu suas memórias. Viveu noventa e dois anos e atravessou o século vinte a ponto de sua história se confundir não somente com a da psicanálise, mas com a do próprio século. Exatamente por isso, é o que melhor nos ensina o engano da aposta na história como modo de capturar o que dá vida ao caso.

É, neste sentido, que se encaminha a leitura do historiador Carlo Ginzburg, um dos grandes nomes da micro-história, ou história dos anais. Após estabelecer toda uma série de analogias entre o caso do Homem dos Lobos e elementos do folclore eslavo, documentos de um inquérito do século XVII sobre um lobisomem e a seita dos Andarilhos do Bem, de Friul, nos séculos XVI a XVIII, Ginzburg situa o sonho fundamental do caso como induzido por seu contexto cultural. Serguei, nascido com uma membrana sobre a cabeça, uma coifa e no dia do Natal, tinha sido criado por uma governanta inglesa e por uma “nania” eslava. As lendas eslavas vinculariam as pessoas que nascem com a coifa e no Natal a poderes excepcionais, entre os quais o de se tornar lobisomem. A neurose de Serguei se explicaria como fruto do conflito cultural ao qual estava submetido, entre a aristocracia e a cultura popular. Por essa razão, o homem dos lobos não teria seguido o caminho que estaria aberto dois ou três séculos atrás. Em vez de se tornar lobisomem, tornou-se neurótico, à beira da psicose.

#### IV.

Acrescentar dados ao dossiê de uma história não elimina a necessidade de uma operação de leitura que extraia da biografia alguém que nos dê o sentimento de estar ali, em carne e osso. Um personagem unicamente histórico terá sua verdade sempre refém do último revisionista que, de posse de novos dados ou simplesmente de um ódio cego, queira mudar o sentido do que terá sido. Mantendo-nos neste plano, ainda por cima, apenas por transferência para com o autor admitiríamos a interpretação freudiana como mais próxima do real do que outras.

A força de Freud nas histórias clínicas deste livro está no que move seu trabalho, naquilo que causa o interesse do analisante, apesar da ausência de promessas de sucesso terapêutico e de paraísos no além. Essa deve ser a aposta sob pena de não podermos distinguir o caso paradigmático freudiano de uma ficção histórico-biográfica.

Assim, compreende-se porque a psicanálise, à diferença da ciência, não procede por um conhecimento cumulativo. Ela não prolongará as ramificações acima em direção a uma rede cada vez mais vasta de saberes sobre seus pacientes. Procederá, para cada caso, tal como Freud, a um delineamento da rede dos conhecimentos de uma vida apenas para chegar a seu umbigo, seu ponto vital. Os conhecimentos sobre o ser humano podem variar contextualmente e mesmo evoluir. Os conhecimentos sobre o que faz cada um ser o que é, por outro lado, são necessariamente limitados a uma existência e deverão ser reconstituídos, caso a caso.

Isso posto, o relato de um tratamento, por parte do analista, é o retrato de uma prática, o que inclui mostrar o que deu certo e o que não deu e, sobretudo, apresentar os caminhos conceituais que facilitam a busca psicanalítica dos obscuros grãos de singularidade de cada um. Dora é, aqui, exemplar.

A especificidade freudiana é vincular essa singularidade ao sexual. Com Dora aprendemos que é a força do que não apreendemos de nós mesmos que movimenta o desejo no teatro dos sexos. Dora mostra como sua caixa de joias é sempre apresentada e remetida a alguém. Ao pai, encarnado por Freud segundo o modo inicial de entendimento do caso, mas também e sobretudo à amante do pai, encarnação maior do objeto do desejo, como podemos ler na célebre nota redigida por Freud a posteriori, em que diz ter avaliado mal esse componente na história de Dora.

Nossa paixão se endereça a um além do que se quer e o ser amado é o que encerra esse não-sei-que a repercutir meu ponto cego. É deste ponto que trata a psicanálise porque são nossos pontos cegos que oferecem o que temos de mais vivo, já que não colonizado. São os que mais nos causam estranheza. Sempre fora de alcance, teimam em se oferecer como a coisa em si. Uma vez próximos, porém, nos assombram com a vertigem de uma impossível satisfação absoluta. Sim, porque, seres de desejo que somos, só poderíamos encontrar esse nirvana na morte.

## V.

O caminho de uma análise é, portanto, labiríntico, temos que seguir pistas falsas e, neste quesito, o homem dos Ratos é mestre. Ernst nos leva ao outro lado do espelho de Dora. Por demais “masculino”, direto e ordenado, é obrigado a um sem-número de desvios para não se encontrar cara a cara com isso que tanto lhe atrai quanto causa horror. A cada passagem por este obscuro ponto em uma análise, no entanto, as versões que para ele convergem se recombinam, levando à redistribuição das cartas subjetivas e a mudanças efetivas.

Este “isso”, a parte mais viva de nós mesmos é a tal ponto idiossincrática que não tem como se apresentar sossegada diante de nós. Nem sabemos como dizê-la, já que não cabe na língua materna, com que aprendemos a tudo nomear menos o que nos faz únicos. Sua presença, portanto, nunca será exatamente histórica, documental, mas, sim, semi-ficcional e arqueológica. Será preciso produzir uma montagem narrativa com os cacos de memória que encerram essa vida que não se diz, construir, com eles, uma cena matricial. Em vez de fotografia, colagem.

Este tipo de cena, nada “primitiva” como em outras traduções, é, aqui, vertido como “cena primordial”, fundadora, por reunir vários elementos em torno de um centro indefinível. A cena que vale é a que colhe em sua rede o desejo indefinível que nos move. É o olhar imóvel dos lobos através da janela de Serguei, o fascínio por uma incomensurável Sra. K. para Dora, a imensidão do cavalo para Herbert ou a violência do capitão cruel para Ernst.

Além das cenas primordiais, a estranheza do inconsciente se dirá, igualmente, nos quase neológicos modos de nomear os fragmentos que guardam um pouco do que insiste em nos levar adiante: *lumpf*, *Lodi*, a *mulher de Deus*, *Wespa*, a *rataria* entre tantos exemplos que podem ser pinçados em inúmeras páginas deste volume.

Neste sentido, um dos valores maiores da tradução aqui presente, assim como o da coleção *Obras Incompletas* como um todo, é o da exigência de resgatar o modo de escrita de Freud. Ela sempre esteve em genial consonância com seu trabalho cotidiano de compilar memórias entreouvidas, meio adivinhadas, para situar o que importa. Ouvimos, assim, ao longo dos textos, um Freud quase tátil, legível em sua simplicidade e ousada ambição de deslocar os termos mais entranhados para extrair deles o estranhamento infamiliar necessário a seu ofício.

Do mesmo modo, segue o trabalho desta edição de manter, no diário de tratamento do homem dos Ratos, as notas de Freud na composição gráfica de suas anotações nas margens do texto, assim como de suas idiossincrasias ortográficas.

O mesmo vale para os achados de tradução desta edição. Todo cuidado é necessário para trazer a nosso falar essas invenções linguageiras que encarnam o impronunciável que nos habita. Cito apenas uma: *Xixizador*, para o *wiwimacher*, o fazpipi de traduções anteriores. Não há maneira melhor do que uma tradução ao estilo de Ezra Pound, o de uma transcrição, para materializar, para assustado Hans que temos em nós, sua quase obsessão por um pedaço do corpo. É fixação que pode nos levar longe, uma vez essa parte corporal encantada, investida do desejo de quem nos é precioso.

## VI.

Ao fechar este volume, o leitor pode se perguntar o que determinam estes casos em seu conjunto. O vivo de uma análise transparece em outros textos de Freud de variadas maneiras, seja na força do feminino ou do sonho, por exemplo. Neste volume, como se apresenta?

Como o chão em que pisamos em uma análise, a meu ver. Incerto, cativante e desterrante ao mesmo tempo. Neste sentido, os casos paradigmáticos, marcadores do campo psicanalítico, não apenas demarcam fronteiras, mas o próprio país da psicanálise. Ensinam o que tem uma análise para que a psicanálise possa durar tanto, sem comprovação científica ou clichês motivacionais, resistindo às corporações religiosas, universitárias ou aos imperativos do mercado.

Afinal, o que tem a psicanálise para nos permitir viver em tempos de guerra e morte ou, ainda, em mundos de fascismo e miséria?

Schreber é, aqui, a última baliza-chave já que põe a céu aberto, nas palavras de Freud, o que os demais encontram como obscuros objetos de desejo. Nem tanto mistérios do corpo, mas a incongruência e o absurdo de uma existência revelados de forma esquizofrênica ainda que organizadas de maneira delirante.

Quando não está mais escondido nas dobras do corpo ou nas zonas erógenas, o desejo se sobressai como força estranha e indestrutível. É preciso se deixar levar pela escrita de Freud para pressentir que sua prática, prática do desejo nascida na Europa do meio, entre o que viria a ser o ocidente e os países do leste, tanto desvela o que nos move como falta, quanto como excesso, imperativo vital, e tsunami.

Não poderia ser esse outro nome para a pulsão de morte? Esse, creio, é o maior desafio destes casos, o de nos levar a tomar a morte não como fim da vida, mas como a opacidade viva que o

próprio sexual encerra. Lidar com o opaco do homem quando não é recaiado ou esquecido e que pode ser força de luta, por ser o que em nós quer sempre mais e mais. É o que, segundo o poeta, nos faz mendigo, nos faz suplicar, o que não tem remédio nem nunca terá, que incendeia o corpo sem que nenhum unguento possa aliviar.

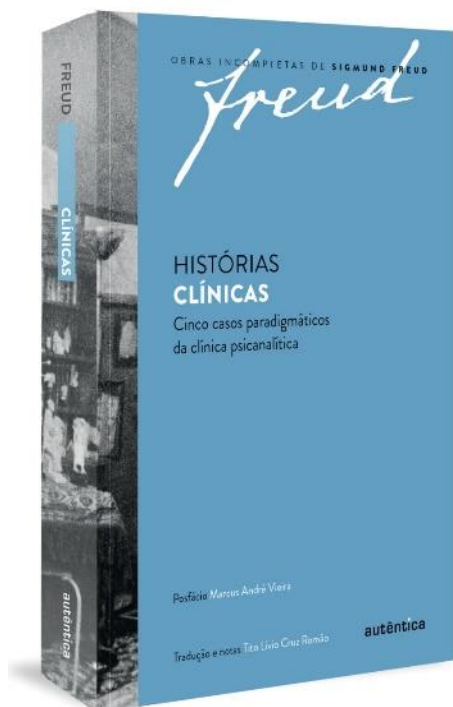
Conta-se que Freud, em célebre confidência a Jung, teria chamado esse desejo incendiário de peste. De fato, em plena Europa burguesa que acreditava nas luzes enquanto saqueava suas colônias, Freud traz a impossibilidade de nos eximir de nossos excessos. Nada mais atual quando o assistimos o capital rentista seguir em expropriações - mais virtuais, mas não menos reais, em nada reduzindo as diferenças gritantes entre explorado e explorador, colonizado e escravizado.

Tal como foram guias para Freud, essas histórias clínicas podem apontar os caminhos para o psicanalista hoje, e para aqueles que sabem e vivem o incêndio, o abuso e a guerra e, ainda assim, resistem e, ainda assim, com seu desejo, criam novos mundos.

Então, além de acompanhar cada um até seu ponto de viva singularidade, trata-se, também, na cidade, de recolher as formas, os modos identitários de onde partem os analisantes hoje para se virarem com o gozo opaco de seu corpo e história. Aqui, outros são requeridos a se juntarem ao esforço de Freud. Mulheres, migrantes, indígenas, negros, trans, são guias, pois, raramente, podem se dar ao luxo de se contentar com a confiança em um sábio senhorial (afinal, o que os senhores mais querem é lhes eliminar).

Não ter opção a não ser compor com o opaco do corpo sem passar pelo saber colonizador do ego é o que pode ocorrer igualmente com o analisante ao cabo de seu enfrentamento analítico com o destino.

Seja qual for o caso, quando só resta do desejo o gozo de desejar, a vida como fome fundamental, é que essa composição com o opaco do gozo pode fazer do corpo caixa de ressonância para o que da vida é mutante, quando pão e poesia ambos, tudo ao mesmo tempo agora, tornam-se a luta que vale.



**7 Apresentação**

Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica  
Gilson Iannini

**15 Prefácio**

Escrever a clínica: Freud entre a ciência e a literatura  
Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares,  
Tito Livio Cruz Romão

29 Fragmento de uma análise de um caso de histeria  
(caso Dora) (1905)

173 Análise da fobia de um garoto de 5 anos  
(caso Pequeno Hans) (1909)

335 Observações sobre um caso de neurose obsessiva  
(caso Homem dos Ratos) (1909)

435 Anotações originais sobre um caso de neurose  
obsessiva (caso Homem dos Ratos)  
(1955 [1907-1908])

539 Observações psicanalíticas sobre um caso de  
paranoia (*dementia paranoides*) descrito com base  
em dados autobiográficos (caso Schreber)  
(1912 [1911])

631 Da história de uma neurose infantil  
(caso Homem dos Lobos) (1918)

**775 Posfácio**

Cinco  
Marcus André Vieira